Como Citar:
Simões, C. H. D., Oliveira, D. O. F. de, & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). Internação psiquiátrica e dependência química no imaginário de estudantes de psicologia. In L. S. de L. C. Tardivo & R. X. Marigliano (Orgs.), XVII Jornada APOIAR: Violência social e autoinfligida – propostas de atenção e pesquisa (pp. 290–300) [E-book]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

23- INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA E DEPENDÊNCIA QUÍMICA NO IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Cristiane Helena Dias Simões[2]

Débora Ortolan Fernandes de Oliveira[3]

Tania Maria José Aiello-Vaisberg[4]

RESUMO: O processo da reforma psiquiátrica brasileira vem sendo marcado pela busca de consolidação de políticas públicas que retiram o hospital psiquiátrico de sua posição de centralidade, para substitui-lo por uma rede de cuidados sobretudo ambulatoriais, evitando a exclusão asilar dos usuários. Entretanto, podem ser observados indícios de que a ideia de internação parece se manter viva nos imaginários coletivos, principalmente quando se trata da dependência química. Cabe, portanto, realizar pesquisa com o objetivo de investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de alunos de psicologia sobre o dependente químico, a partir da perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. O trabalho foi metodologicamente organizado a partir da realização de uma entrevista psicológica coletiva, durante a qual foi usado o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. A compreensão psicanalítica do material permitiu a criação/encontro de um campo de sentido afetivo-emocional, “Internação como solução”, que se organiza ao redor da crença de que a internação do usuário de drogas seria o caminho para a solução do problema, na medida em que garantiria o afastamento das drogas e do convívio social. O quadro geral sugere que a pessoalidade coletiva abordada apresenta uma concepção imaginativa de caráter reducionista sobre o usuário, negando a importância da experiência vivida, na apresentação dessa problemática.

Palavras-chave: dependente químico, imaginário coletivo, drogas, estudantes de psicologia, método psicanalítico.

[2] Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

[3] Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Bolsista CNPq de Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

[4] Professora Livre Docente em Psicopatologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Orientadora de Mestrados e Doutorados no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O PROBLEMA DE PESQUISA

A Reforma Psiquiátrica Brasileira consiste em longo e complexo processo de reorientação do modelo assistencial em saúde mental, que envolve um amplo questionamento sobre formas de assistência e cuidado à população acometida por sofrimentos psíquicos. No que se refere especificamente ao campo do tratamento, esse processo caracterizou-se pela desativação de grande parte dos hospitais psiquiátricos, com o objetivo de substituí-los por redes alternativas de atendimento em saúde mental (Brasil, 2004; Venturini, 1998).

Quando mencionamos a Reforma Psiquiátrica, é rápida a associação com doentes mentais graves, especialmente psicóticos. Contudo, é bastante importante destacar que uma expressiva parcela de usuários do sistema público de saúde mental é composta por dependentes químicos. Anteriormente recolhidos em hospitais psiquiátricos, tais pacientes passaram a receber tratamento ambulatorial a partir da implantação desse processo. O uso abusivo de substâncias constituiu-se como um fenômeno multideterminado, que deve ser pensado a partir do contexto em que está inserido, uma vez que se configura como problemática que se impõe no cenário social exigindo a definição de políticas de saúde pública. Configura-se, de fato, desde a segunda metade do século XX, como um dos mais importantes problemas de saúde pública no Brasil, trazendo prejuízos aos próprios usuários, seus familiares e a comunidade em geral (Bisch et al., 2019; Cunha et al., 2015; Maciel et al., 2018; Melo & Maciel, 2016; Novaes, 2014; Silva, Maftum & Mazza, 2014).

Neste campo de atuação, ainda são muitos os profissionais que acreditam que a melhor forma de assistência ao dependente dar-se-ia por meio da internação fechada de longa permanência. Tal posicionamento causa estranheza, uma vez que se encontra cada vez mais firmada, cientificamente falando, a percepção de que a dependência química ultrapassa causalidades orgânicas, envolvendo determinações sociais, políticas, econômicas, legais e culturais. Sendo assim, somos levados a concluir que os avanços na produção de conhecimento não evitam a persistência de visões estereotipadas quando se trata deste tema (Assis, Barreiros & Conceição, 2013).

Na busca por compreensão acerca fenômenos de opressão, discriminação e exclusão social, no âmbito do nosso grupo de pesquisa PUC-Campinas/CNPq

“Atenção Psicológica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, temos realizado diversos estudos que se pautam pelo uso do método psicanalítico e pela adoção da psicologia psicanalítica concreta como referencial (Bleger, 1963/2007)[5]. Por essa via, temos identificado várias condições que podem ser compreendidas como sofrimentos sociais (Aiello-Vaisberg, 2017; Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013).

Em estudo com trabalhadores de saúde mental sobre o dependente químico, constatamos que tais profissionais consideram que o paciente dependente seria um falso doente e não apresentaria melhoras, além de ser associado com mentiras, manipulações e transgressão às normas sociais, tais como roubo e tráfico (Simões, 2012; Simões e Aiello-Vaisberg, 2010). Em investigação sobre imaginário do dependente químico expresso pela mídia brasileira (Simões, Ferreira-Teixeira & Aiello-Vaisberg, 2015) constatamos semelhanças com os estudos anteriores sobre o preconceito e estigma social, no qual associam essas pessoas com a delinquência, seguindo uma lógica reducionista e abstrata da dependência de drogas aos problemas de caráter.

. Concordamos com autores, tais como Lopes, Lemos, Lima, Cordeiro e Lima (2009) e Vargas, Bittencourt, Rocha e Oliveira (2013) que, tendo constatado pouco conhecimento teórico sobre a dependência química, apontam para a necessidade da maior inclusão dessa problemática nos cursos de graduação da área da saúde, para que seja possível chegar a uma capacitação profissional adequada. Entretanto, compreendemos, a partir do referencial que adotamos, que no trato de várias questões humanas não bastam conhecimentos teóricos, tornando-se necessário o que poderíamos denominar, inspirando-nos em textos winnicottianos, desenvolvimento de capacidade afetivo-emocional[6], algo que não se conquista de uma vez por todas, mas que demanda ser continuadamente elaborado, ao longo da formação e do exercício profissional.

A partir de preocupação tanto com a formação de futuros psicólogos como também com os preconceitos que, partindo de vários grupos sociais, envolvem o usuário de drogas, objetivamos no presente trabalho estudar o imaginário de

[5] O leitor interessado pode obter uma visão geral acerca da produção grupal no lattes da terceira autora.
[6] Lembramos aqui que a visão winnicottiana sobre o processo de amadurecimento emocional pode ser descrita como desenvolvimento de capacidades – de ficar só, de se preocupar, de acreditar, de brincar – que dependem do encontro entre o potencial herdado com um ambiente humano suficientemente bom (Winnicott, 1945, 1962, 1975).

estudantes de psicologia sobre o dependente químico, a partir da psicologia psicanalítica.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Usamos, na presente investigação, um enquadre diferenciado de pesquisa denominado de entrevista grupal para abordagem da pessoalidade coletiva (Ávila, Tachibana & Aiello- Vaisberg, 2008). Trata-se de uma entrevista psicológica (Bleger, 1979), realizada em enquadre coletivo, que se articula ao redor do uso de um recurso dialógico que favorece um encontro inter-humano durante o qual comunicações emocionais podem ser feitas.

Optamos por usar, como mediador, o Procedimento Desenho-Estórias com Tema, um dos recursos mais utilizados no nosso grupo de pesquisa em virtude de seu potencial heurístico, já que tem o dom de provocar as pessoas, que acabam, de modo bastante instigante, por se expressar de forma imaginativamente simbólica sobre os temas que lhes são propostos. Tal procedimento consiste na demanda do desenho de uma figura ligada a um tema escolhido previamente pelo pesquisador e da posterior solicitação de escrita de uma história sobre a figura desenhada (Aiello-Vaisberg, 1999).

No contexto pedagógico de uma disciplina obrigatória, do currículo da graduação em psicologia, de uma faculdade particular do estado de São Paulo, solicitamos, na disciplina psicopatologia, que os trinta e dois alunos fizessem duplas e desenhassem em uma folha sulfite uma pessoa com dependência química e no verso da folha escrevessem uma história sobre ela. Não havendo recusas em participar, obtivemos dezesseis produções que foram analisadas segundo norteadores derivados do modo como o método psicanalítico é operado em pesquisas qualitativas e da psicologia psicanalítica concreta.

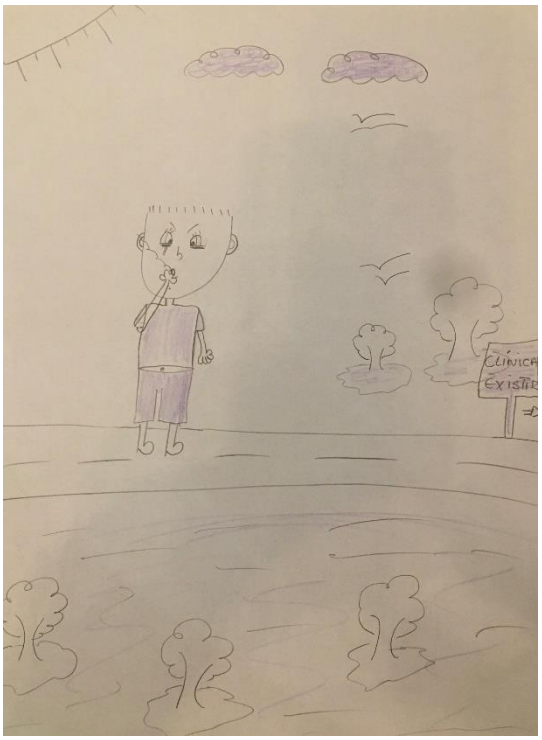
A partir da leitura e releitura das produções gráficas tanto dos alunos participantes como da pesquisadora, realizadas em estado de cultivo da atenção flutuante e da associação livre de ideias, partirmos para o trabalho interpretativo de criar e encontrar campos de sentido afetivo-emocional.

Herrmann (2001) apresenta importante contribuição para a interpretação do material ao postular palavras de ordem, as quais seguimos, visando auxiliar psicanalistas na apropriação do material clínico: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”. A primeira palavra se cumpre quando o analista/pesquisador aguarda o surgimento de algo, no material, que capture sua atenção. A segunda palavra refere à manutenção de uma abertura por meio da qual impactos afetivo-emocionais, relativos ao que se destacou, possam ocorrer. A terceira palavra corresponde ao fruto, inevitavelmente hipotético, do encontro de duas subjetividades, a do pesquisador e a da pessoalidade, individual ou coletiva, autora da comunicação emocional. Desse modo, o método é colocado em marcha, tendo em vista não apenas comprovar hipóteses previamente enunciadas, mas, sobretudo, exercer sua função heurística.

INTERPRETAÇÃO

A consideração psicanalítica do material permitiu a produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional que denominamos como “Internação como solução” que é regido pela crença de que o afastamento das drogas e do convívio social seria o meio para a recuperação do dependente químico. A seguir apresentamos três produções que emergem a partir de-tal ideia sobre o tratamento.

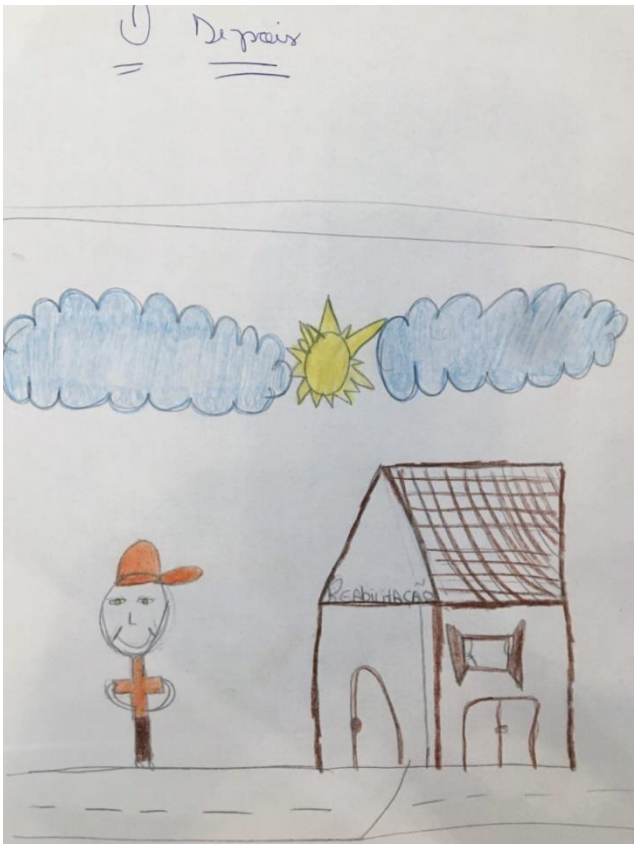
No primeiro desenho, aparece o nome “Clínica Existir” e na história é explicado claramente que é uma internação e que seria o último cigarro da vida, o que evidencia o tratamento enquanto total afastamento da droga.



Este é um jovem com 26 anos, solteiro, mora com a mãe e os irmãos. É dependente químico desde sua adolescência, passou a usar drogas depois do falecimento de seu pai, isso faz 11 anos.

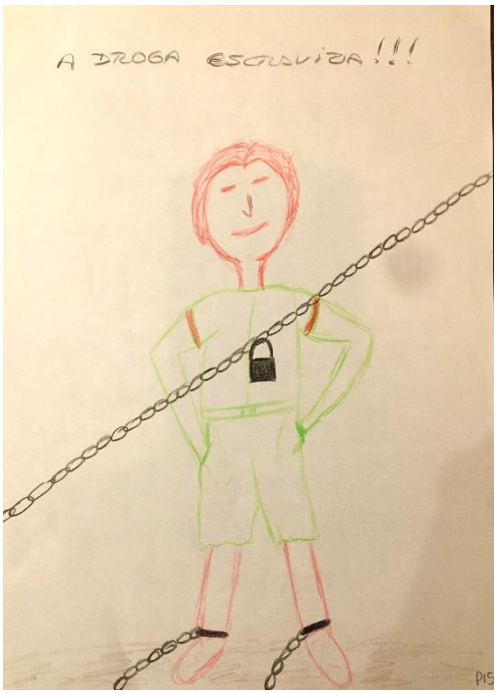
Agora com uma idade de decisões, pois se ele continuar nesta vida vai virar um "Zé ninguém", por conta disso resolveu que precisa de ajuda, depois de ver sua família sofrendo muito, resolveu se internar, esse cigarro de maconha que ele está fumando é o último de sua vida, ele assegura que ao passar o portão da clínica (placa escrito existir) ele vai lutar para ser uma pessoa melhor.

Já no segundo desenho-estória selecionado, o nome "Reabilitação" surge, como uma placa, numa casa cujas portas apresentam trincos bem marcados, que associamos à possibilidade de estarem trancadas, o que interpretamos como referência à internação. Assim, pensamos que o desenho e a história aludem, em conjunto, à ideia de que a internação, que impede a livre circulação pelo espaço social, dificulta o acesso à droga, o que, por si só, garantiria o abandono do uso abusivo.



É o exemplo de alguém que se perde e o sorriso ao encontrar novamente o caminho, o sol volta a brilhar é como encontrar uma luz no escuro.

No terceiro desenho – estória também aparece o tema do tratamento. Ainda que a clínica especializada, aqui referida, não especifique explicitamente se esta clínica corresponde a um serviço ambulatorial ou a um centro de internação, podemos entender que o uso de expressões como fuga, libertação e escravidão, bem como o desenho de correntes e cadeados possam referir-se, simultânea e paradoxalmente, tanto à droga, que escraviza, como à clínica, na qual o usuário ficaria trancado.



João começou a usar drogas com quinze anos na tentativa de fugir de seus conflitos e assim continuou até os vinte e cinco, quando resolveu buscar ajuda em uma clínica especializada e iniciar um processo de libertação das drogas pois para ele esses dez anos de adicção foram como um tempo de escravidão.

INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS

O campo de sentido afetivo-emocional criado/encontrado “Internação como solução” demonstra que os estudantes de psicologia imaginam que a forma adequada de cuidar de uma pessoa com dependência química dar-se-ia por meio da internação, aqui entendida como forma de cerceamento da liberdade pessoal para que o usuário não tenha acesso à droga. Vemo-nos assim diante de um raciocínio aparentemente ingênuo pois se funda evidentemente na suposição de que a frustração diminuiria o impulso – e não o oposto. Trata-se de uma ideia um tanto mágica, porque não se sabe bem por quais vias o afastamento da droga ajudaria a pessoa a se desacostumar – ao invés de aumentar a sua necessidade. Contudo, é importante salientar que se trata de uma visão que se encontra francamente contrária à diretriz da reabilitação psicossocial, quando zela para manter o convívio e os laços sociais.

Surpreende constatar a persistência de um imaginário de crença na internação entre estudantes de psicologia, uma vez que a luta antimanicomial brasileira existe há cerca de duas décadas, tendo chegado a gerar uma lei específica, proposta pelo

deputado Paulo Delgado, nos anos 80 e aprovada 12 anos depois, em 6 de Abril de 2001 (Brasil, 2001). Se além disso considerarmos os modos pelos quais se organizam hoje, os serviços de saúde mental pública – lembrar da rede, do Centro de Atenção Psicossocial, do projeto terapêutico singular, o espanto fica ainda maior. Estamos, portanto, diante da necessidade de reconhecer que o modelo asilar segue vigente em termos do imaginário dessa pessoalidade coletiva, que é o estudante de psicologia, de quem compreensivelmente poderia se esperar maior sintonia com a própria reforma brasileira.

Vale ainda ressaltar que a persistência desse modelo significa, também, que os estudantes não tem uma clara noção sobre a problemática da dependência, na medida em que a encaram de acordo com os mitos do ser humano natural, abstrato e dissociado das condições concretas de sua aparição na cena social (Bleger, 1963/2007). Assim, concluímos que o imaginário aqui criado/encontrado tem caráter claramente empobrecido e reducionista.

Essa pesquisa não produziu resultados que nos permitam verificar o quanto esse imaginário se deve a condições prévias à entrada na faculdade, de tipo social, econômico, cultural ou político-ideológico, mas podemos afirmar que, pelo menos até o inicio da disciplina, na qual se deu a realização da pesquisa, o curso e o próprio ambiente académico, num sentido amplo, não teriam favorecido uma aprendizagem satisfatória com relação ao uso abusivo de drogas.

Finalizando, destacamos a necessidade de que na formação dos profissionais de saúde seja incluído, além dos conceitos formais dos transtornos mentais, um espaço para as discussões sobre imaginários coletivos e teorias prévias sobre cada diagnóstico a fim de que preconceitos e estigmas possam ser trabalhados. Acreditamos que um ensino eticamente comprometido com necessidades da população brasileira demanda uma formação que possa preparar a (o) futura (o) psicóloga (o) para atuar profissionalmente de modo mais inclusivo.

REFERÊNCIAS

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre-docência. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico Ser e Fazer: Resposta Crítico-Propositiva a Despersonalização e Sofrimento Social. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia, 37* (92), 41-62.

Ambrosio, F. F; Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. *Anais XI Jornada Apoiar: Adolescência: Identidade e Sofrimento na Clínica Social*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Assis, J. T. de, Barreiros, G. B., & Conceição, M. I. G. (2013). A internação para usuários de drogas: diálogos com a reforma psiquiátrica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, *16* (4), 584-596. Doi: 10.1590/S1415-47142013000400007

Ávila, C.M., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia*, *18*, 155-164.

Bisch, N. K., Moreira, T. de C., Benchaya, M. C., Pozza, D. R., Freitas, L. C. N. de, Farias, M. S., Ferigolo, M., & Barros, H. M. T. (2019). Aconselhamento telefônico para jovens brasileiros usuários de cocaína e/ou crack. Quem são esses usuários? *Jornal de Pediatria*, *95* (2), 209-216. Doi: 10.1016/j.jped.2017.12.016

Bleger, J. (1979). *Temas de Psicologia entrevistas e grupos*. Nueva Vision.

Bleger, J. (2007). *Psicología de la conducta*. Buenos Aires: Paidós (Trabalho original publicado em 1963).

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. (2004). *Saúde mental no SUS*: *os centros de atenção psicossocial*. Brasília: MS.

Brasil (2001). Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Presidência da República/Casa civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm. Acesso em 23 nov. 2019.

Cunha, P. J., Oliveira, P. A. de, Cortezzi, M., Busatto, G. F., & Scivoletto, S. (2015). Executive dysfunction and low academic attainment in adolescent substance abusers with a history of maltreatment. *Medical Express*, *2* (6), M150506. Doi: 10.5935/MedicalExpress.2015.06.06

Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lopes, G. T., Lemos, B. K. J., Lima, H. B., Cordeiro, B. R. C. & Lima, L. S. V. (2009). Concepções de acadêmicos de enfermagem sobre usuários de drogas. *Revista Brasileira Enfermagem, 62* (4), 518-23.

Maciel, S. C., Silva, F. F. da, Pereira, C. A., Dias, C. C. V., & Alexandre, T. M. de O. (2018). Cuidadoras de Dependentes Químicos: Um Estudo sobre a Sobrecarga Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *34*, e34416. Doi: 10.1590/0102.3772e34416

Melo, J. R. F. & Maciel, S. C. (2016). Representação Social do Usuário de Drogas na Perspectiva de Dependentes Químicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *36* (1), 76-87. Doi: 10.1590/1982-3703000882014

Novaes, P. S. (2014). O tratamento da dependência química e o ordenamento jurídico brasileiro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, *17* (2), 342-356.

Silva, D. I. da, Maftum, M. A. & Mazza, V. de A. (2014). Vulnerabilidade no desenvolvimento da criança: influência dos elos familiares fracos, dependência química e violência doméstica. Texto & Contexto – Enfermagem, 23 (4), 1087-1094.

Simões, C. H. D. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). Cuidado com o malandro: imaginário coletivo de profissionais de saúde sobre a dependência química. Em Anais Jornada Apoiar, VIII, (p. 291-296). São Paulo: Instituto de Psicologia da USP.

Simões, C. H. D. (2012). *Sofredores, impostores e vítimas da sociedade: imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico*. Doutorado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Simões, C. H. D., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). O imaginário do dependente químico na mídia jornalística: considerações preliminares*. In Anais Jornada Apoiar, XIII, (p.372-398).* São Paulo: Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Vargas, D, Bittencourt, M.N., Rocha, F. M. & Oliveira, M. A. F. (2013). Representação social de enfermeiros de centros de atenção psicossocial em alcool e drogas (CAPS AD) sobre o dependente químico. *Esc Anna Nery* (impr.); *17* (2), 242-248.

Venturini, E. (1998). Prefácio à primeira edição. In P. Amarante (Coord.), *Loucos pela vida*: *a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil* (2ª ed., pp.13-16). Rio de Janeiro: Fiocruz.

Winnicott, D. W. (1945). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.* Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D. W. (1962). *O ambiente e os processos de maturação.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.